

# Kafka e a falência do real

*Kafka and the Failure of the Real*

Diego Süss Endler\*

---

**RESUMO:** Franz Kafka é um escritor que detém um estilo muito peculiar. Suas obras são dotadas de uma especificidade linguística que remetem o leitor a um mundo repleto de circunstâncias que, aos olhos de uma pretensa normalidade, mostram-se inimagináveis. Suas tramas repletas de situações desconcertantes, confusas e absurdas no mais longínquo limite da lucidez humana, fomentam uma leitura instigante de uma realidade desprovida de quaisquer sentimentos que edifiquem o homem na plenitude de sua vida existencial. A proposta kafkiana é de externar determinadas características comportamentais cuja representação apenas mostra o lado mais perverso de um contexto falido. A visão de Kafka enxerga sempre o lado mais sombrio e nebuloso não apenas de seus semelhantes, mas também de si mesmo. Conflitos familiares, relações pessoais conturbadas, culpas, traumas, intolerância e injustiça são temas que povoam com frequência não apenas o imaginário do escritor na composição de sua obra, mas principalmente sua mais profunda concepção daquilo que seja, de fato, real. Tais elementos são constantemente chamados à argumentação que, diante de si, não causam mais espanto. Sua loucura transgressora, conduz a uma interpretação assustadoramente negativa da vida e, apesar disso, deixa ensinamentos importantes diante de situações que podem ser superadas quando um determinado elemento mostra-se presente na racionalidade complexa de cada um. Assim, percebe-se claramente que esse escritor tcheco de língua alemã conduziu sua vida abdicando justamente de um elemento singular de valor infinito: a esperança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Realidade. Falência. Esperança.

**ABSTRACT:** Franz Kafka is a writer whose style is very peculiar. His works are filled with a linguistic specificity which takes the reader to a world full of circumstances which, seen from a so-called normality, show themselves unimaginable. His plot is rich in confused, absurd and embarrassing situations in the furthest extent of human rationality support a compelling reading of a reality lacking in any feelings which build men on the completeness of their existential life. Kafka's aim is to externalize certain behavioral characteristics whose representation just shows the most perverse side of a broken context. Kafka's vision always sees the darkest and scary side not only of his fellows, but also of himself. Familial conflicts, disturbed personal relationships, guilt, traumas, intolerance and injustice are frequent themes that run through, not only the writer's imagination to compose his works, but mainly his deepest understanding of what is truly real. Such elements are constantly breaking off discussions which do not cause shock anymore. His transgressing insanity leads us to an appallingly negative interpretation of life and, despite this fact, leaves important lessons on situations that can be overcome when a certain element is present in the complex rationality of each one of us. Thus, it is clear that this Czech German-speaking writer conducted his life abdicating especially one particular component of infinite value: hope.

**KEYWORDS:** Reality. Failure. Hope.

---

\* Mestrando em Filosofia pela PUCRS com bolsa CAPES. Contato: diego\_endler@hotmail.com

O pensamento de Franz Kafka sempre remete o leitor a um universo enigmático, angustiante e ao mesmo tempo cativante. Seus escritos estão associados a crises existenciais originadas em problemas que permeiam a realidade fática de muitos homens e mulheres.

Sua obra ficcional conduz a apontamentos críticos que favorecem a interpretação das condutas humanas sob prismas culturais, sociais e psicológicos. A angústia sempre presente é a exteriorização de um contexto por ele vivido que demonstram a existência de profundos traumas enraizados na alma de alguém que desconhecia por completo o lado mais sublime da existência.

Simbolicamente, pode-se dizer que Kafka, assim como os antigos, não seria um mero expectador das tragédias gregas, onde a recepção do plano artístico faria uma mera experimentação do trágico sem adentrá-lo na sua mais dura realidade. Kafka, ao contrário, sentiu na pele a dor mais aguda dessa realidade e fez com que sua própria arte fosse, em sua essência perturbadora, o resultado mais profundo de seus traumas. Aristóteles mesmo afirmava que a vivência trágica do real não produz ensinamentos e sim traumas.

Diante da dura realidade presente nas obras de Kafka, bem como de seu contexto biográfico, infere-se que o ensinamento do estagirita aproxima-se da proposta de sua escrita não pela catarse, mas sim pelo lado mais abominável do real.

É importante frisar que suas obras permitem uma série de interpretações que não caminham necessariamente na mesma linha cognitiva, como bem assinala Günther Anders:

A diversidade de interpretações que Kafka experimentou não se baseia na “estupidez” dos intérpretes, mas no caráter multívoco do objeto. A discussão sobre Kafka lembra a disputa descrita nas *Mil e uma noites* em torno da “verdadeira” cor da madrepérola: trata-se não de investigar a cor “verdadeira” da madrepérola, mas de ver por dentro a situação em que emergem objetos de madrepérola e de decidir a questão sobre as “vantagens e desvantagens” de objetos furta-cor<sup>1</sup>.

Parece que Kafka procura fazer de suas obras uma espécie de diário, local perfeito para seus constantes desabafos, uma vez que seu conteúdo intimista pressupõe a condensação de um amargor muito grande pela vida. A culpa, claramente sentida e demonstrada, o leva a desenvolver tramas repletas de opressão, situações caóticas e sentimentos deturpados.

O ambiente familiar de Kafka é sempre retratado como algo hostil e extremamente perturbador. Nessa cena a figura emblemática é seu pai, pessoa autoritária e desprovida de qualquer sentimento afetivo e pelo qual guardava grande repulsa. O comportamento de seu pai demonstrava ser o oposto de sua própria personalidade, sendo que o contraste existente entre ambos motivava-o a considerar ser uma criatura infinitamente inferior, semelhante a um inseto.

<sup>1</sup> ANDERS, Günthers: *Kafka: pró & contra*. 2. Ed. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 10.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 77-86
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------

A condição judaica da qual era detentor, favorecia a perpetuação de constrangimentos e humilhações frente a uma sociedade antissemítica, radical e intolerante. Ser judeu era motivo de calúnias e perseguições, razão pela qual a proteção do Estado em momentos conflitantes tornava-se imperiosa. Kafka detestava isso.

Kafka possuía uma personalidade altamente complexa, e, tal condição, era refletida brilhantemente em sua produção literária. Para muitos a obra kafkiana chega a beirar a insanidade. Com muita primazia e com a precisão de poucos, Kafka transforma em palavras uma vasta gama de sentimentos que muitos sequer poderiam compreender. Talvez a grande virtude do escritor seja justamente a capacidade de transformar a sua própria realidade em uma ficção que faça o interlocutor sentir os mesmos dramas que originaram sua escrita.

O que é louco ou o que é normal pode ser analisado simplesmente sob o estigma da aparência, pois a presunção de loucura e normalidade estaria fortemente vinculada aos seus conceitos respectivos.

Essa idealização da obra de Kafka, fica claramente explicada da seguinte forma:

A fisionomia do mundo kafkiano parece deslucada. Mas Kafka deslucou a aparência aparentemente normal do nosso mundo louco, para tornar visível sua loucura. Manipula, contudo, essa aparência louca como algo muito normal e, com isso, descreve até mesmo o fato louco de que o mundo louco seja considerado normal<sup>2</sup>.

Observa-se que essa pretensa normalidade do mundo em que Kafka luta constantemente, representa o motivo de seus conflitos mais devastadores, pois o entendimento daquilo que supostamente seria normal, causa em seu discernimento uma avalanche de sensações que, para além da destruição de seu mundo introspectivo, aniquilava as chances de uma vida social harmônica e tranquila.

Essa normalidade em que o cotidiano é refletido, pressupõe uma patologia inserida na intersubjetividade das relações, de tal maneira que o estranhamento advindo dessa condição, serviria para identificar e perceber tão somente uma ausência de sentido que Kafka procurava desesperadamente preencher.

Günther Anders uma vez mais enfatiza:

Milhares de vezes o homem de nossos dias esbarra em aparelhos cuja condição lhe é desconhecida e com os quais só pode manter relações de estranhamento, uma vez que a vinculação deles com o sistema de necessidades dos homens é infinitamente mediada: pois o estranhamento não é um truque do filósofo ou do escritor Kafka, mas um fenômeno do mundo moderno – só que, na vida cotidiana, ele é encoberto

<sup>2</sup> ANDERS, Günthers: *Kafka: pró & contra*. 2. Ed. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 15.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 77-86
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------

pelo hábito vazio. Kafka revela, através da sua técnica de estranhamento, o estranhamento encoberto da vida cotidiana – e desse modo é outra vez realista<sup>3</sup>.

Essa dicotomia entre o estranhamento e a normalidade habitual, faz com que o escritor desenvolva uma característica extremamente peculiar em suas obras, pois choca o leitor ao descrever seus personagens em situações inimagináveis, vivenciando-as com desídia e indiferença, como se fosse algo comum e corriqueiro.

Isso, uma vez mais, é ensinado por Anders:

Em Kafka, o inquietante não são os objetos nem as ocorrências como tais, mas o fato de que seus personagens reagem a eles descontraidamente, como se estivessem diante de objetos e acontecimentos normais. Não é a circunstância de Gregor Samsa acordar de manhã transformado em inseto, mas o fato de não ver nada de surpreendente nisso – a trivialidade do grotesco – que torna a leitura tão aterrorizante<sup>4</sup>.

Não é só a mera “trivialidade do grotesco” que causa terror em quem o lê, mas também a densidade linguística repleta de termos trágicos com apologias diretas a mutilações e a satisfação daí decorrente: “Sempre a imagem da faca larga de um carnicheiro de porco que com rapidez e regularidade mecânica me golpeia os flancos e corta fatias bem finas que saem voando como aparas de madeira por causa da velocidade da ação”<sup>5</sup>.

Na mesma linha, enfatiza:

Entre a garganta e o queixo parece ser o lugar mais recompensador para apunhalar. Erga o queixo e enfie a faca nos músculos retesados. Mas esse local provavelmente é recompensador apenas na imaginação. Espera-se ver um magnífico jorro de sangue e uma rede de tendões e ossinhos como os que se veem na perna de um peru assado<sup>6</sup>.

Sua forma de transparecer o real é levada as últimas conseqüências e por esse motivo a apropriação de termos pouco sutis transformam-se em uma característica bastante singular em sua escrita.

Ricardo Timm de Souza, assim explica:

<sup>3</sup> ANDERS, Günthers: *Kafka: pró & contra*. 2. Ed. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 18.

<sup>4</sup> ANDERS, Günthers: *Kafka: pró & contra*. 2. Ed. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 20.

<sup>5</sup> KAFKA, Franz, *Diaries*, 1910-1923, org. Max Brod, tradução inglesa de Joseph Kresh e Martin Greenberg (Nova York, Schocken Books, 1975), p. 221 apud BEGLEY, Louis. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça Franz Kafka um ensaio biográfico*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 66.

<sup>6</sup> KAFKA, Franz, *Diaries*, 1910-1923, org. Max Brod, tradução inglesa de Joseph Kresh e Martin Greenberg (Nova York, Schocken Books, 1975), p. 342 apud BEGLEY, Louis. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça Franz Kafka um ensaio biográfico*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 66.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 77-86
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------

Muitas literaturas têm na singularidade e na criatividade agressiva sua bandeira; mas a arte de Kafka é uma das poucas em que o extrapolar por excelência do comedimento das palavras torna-se seu verdadeiro tecido: nenhuma de suas palavras atrai para si a atenção, nenhuma pretende enfeitiçar a qualquer pretexto e, apesar disso, não podem, a contragosto, deixar de fazer tal, e de tal forma fazem isso, que o mundo se revela verdadeiramente e sua segurança se distorce, a complexidade artificial da vida apresenta-se em sua dimensão de ilogicidade original com ares de uma infinita naturalidade, apesar do discurso estranhamente neutro, um irritante naturalismo de evidências que contraria e supera magistralmente, incomparavelmente, qualquer naturalismo artificial, qualquer pretensa elaboração metafísica prévia, qualquer indecisão no acoplamento às camadas fundas da realidade<sup>7</sup>.

Um elemento central na obra de Kafka, como já salientado, diz respeito à conturbada relação com seu pai. O delineamento da personalidade do autor, com certeza, passou pelas agruras de um contexto familiar altamente patológico. O sentimento de desprezo e rancor pela figura paterna mostram uma pessoa carente de afeto e profundamente perturbada com sua fragilidade doentia frente àquele que expressava sua própria contrariedade.

O escritor não conseguia encontrar elementos que motivassem qualquer tipo de aproximação em relação a seu pai. Isso, por certo, tornou irregular sua própria visão de mundo, pois os sentimentos que daí nasceram fomentaram única e exclusivamente a impossibilidade de conquistar e manter relações sólidas e emocionalmente sadias. Kafka considerava-se tímido, feio e um grande fracassado, certamente reflexo da minoração de sua auto-estima constantemente abalada e reduzida a uma mediocridade impregnada de elementos negativos e até mesmo subversivos.

Sua vida gravitava em torno de traumas absurdamente constituídos e perspectivas que beiravam o mais profundo desespero.

Em relação ao pai, Kafka ainda acentua:

(...) como pai você era forte demais para mim, principalmente porque meus irmãos morreram pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar inteiramente só o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais (...). Você, ao contrário, um verdadeiro Kafka na força, saúde, apetite, sonoridade de voz, dom de falar, autossatisfação, superioridade diante do mundo, perseverança, presença de espírito, conhecimento dos homens, certa generosidade – naturalmente com todos os defeitos e fraquezas que fazem parte dessas qualidades e para as quais o precipitam seu temperamento e por vezes sua cólera<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e Kafka paradoxos do singular*. Passo Fundo: Editora IFIBE, 2010, p. 108.

<sup>8</sup> KAFKA, Franz, *Letter to his father*, tradução inglesa de Ernst Kaiser e Eithne Wilkens, revisão de Arthur S. Wensinger. In Kafka, Franz, *The sons* (Nova York, Schocken Books, 1974). [Ed. brasileira: Carta ao pai, trad. Modesto Carone. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.], p. 117 apud BEGLEY, Louis. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça Franz Kafka um ensaio biográfico*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 23.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 77-86
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------

Diante da relação pai e filho, a aversão mostrava-se recíproca. Herman, mesmo que de modo implícito, demonstrava rancor e indiferença em relação ao filho. Kafka, com a ironia que lhe é peculiar, assim expressa:

[a] afeição dele por mim diminui dia a dia (não, no segundo dia estive no auge, mas a partir de então declinou constantemente). E ontem ele não via a hora de me ver fora do quarto, enquanto forçava minha mãe a ficar [...] ele tem uma cicatriz nas costas que no passado quase lhe impossibilitava de ficar deitado por tempo prolongado; além disso existe a dificuldade em cada mudança de posição para seu corpo pesado, seu coração irregular, as bandagens volumosas, a tosse, com seu efeito doloroso sobre a incisão, mas acima de tudo sua mente desassossegada, tacanha e ignorante. [...] Ontem ele fez um gesto com a mão para a enfermeira (que achei excelente) quando ela estava saindo, um gesto que na linguagem dele só podia significar “cadela!”. E esse estado dele (que talvez só eu possa apreender em todo o seu horror) prosseguirá [...] por dias<sup>9</sup>.

Além da particularidade dos constantes conflitos dessa relação traumática, Kafka descreve com aversão e repulsa a atos triviais do cotidiano bem como de sua própria família. Kafka literalmente demonstrava nojo pelas relações mais íntimas, chegando ao ponto de repudiar sua própria origem:

Por vezes esse laço de sangue também é alvo do meu ódio; a visão da cama de casal em casa, os lençóis usados, as camisola de dormir cuidadosamente postas à vista podem exasperar-me até a náusea, podem virar-me do avesso; é como se eu não houvesse nascido de uma vez, nascesse continuamente num mundo rançoso saído da vida rançosa naquele quarto rançoso, como se precisasse regularmente buscar a confirmação de mim mesmo ali, e estivesse ligado de maneira indissolúvel a toda aquela abominação, em parte, se não de todo, pelo menos ela ainda me tolhe os pés, que querem correr e ainda estão grudados na polpa informe original<sup>10</sup>.

A presença de seus familiares é motivo de consternação, incômodo e ódio. Nada é motivo de satisfação, o que o conduz a optar pelo isolamento. Além de seus parentes, qualquer aproximação mais evidente com outras pessoas fazia nascer em si os piores sentimentos, como segue:

[...] Não é por serem parentes que não consigo suportar estar no mesmo aposento que eles, mas meramente por serem pessoas. [...] Não posso viver com pessoas; eu absolutamente odeio todos os meus parentes, não porque sejam maus, não porque eu não os tenho em boa conta [...] mas simplesmente porque são pessoas com quem vivo em estreita proximidade. (...) seria incomparavelmente mais feliz vivendo num

<sup>9</sup> KAFKA, Franz, *Letters to friends, family and editors*, org. Max Brod, tradução inglesa de Richard e Clara Winston (Nova York, Schocken Books, 1977), p. 343 apud BEGLEY, Louis. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça Franz Kafka um ensaio biográfico*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 32.

<sup>10</sup> KAFKA, Franz, *Diaries, 1910-1923*, org. Max Brod, tradução inglesa de Joseph Kresh e Martin Greenberg (Nova York, Schocken Books, 1975), p. 371 apud BEGLEY, Louis. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça Franz Kafka um ensaio biográfico*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 31.

deserto, numa floresta, numa ilha, e não aqui no meu quarto entre o quarto dos meus pais e a sala de estar. [...] (...). A vida é meramente terrível; sinto isso como poucos. Com frequência – e no mais íntimo do meu ser talvez o tempo todo – duvido que eu seja um ser humano<sup>11</sup>.

A figura kafkiana pode ser vista como uma grande contradição diante dos parâmetros normais de comportamento. A sua dúvida quanto ao fato de “ser um humano” mostra sua total insatisfação com a esfera das convenções sociais previamente determinadas, a hipocrisia de um mundo vazio e a incapacidade de satisfação dos ideais mais sublimes do homem. A inteligência aguçada do escritor percebia claramente que, diante da construção de seu mundo real, a incapacidade de enxergá-lo sob a égide de suas próprias necessidades extinguiu-se dia após dia. O seu desespero, como visto, não era sem causa.

Kafka mesmo afirma que sua própria educação lhe fora prejudicial, atribuindo culpa a uma vasta gama de destinatários que o censuravam:

Quando reflito, devo dizer que minha educação me foi muito prejudicial em vários aspectos. Essa censura aplica-se a uma multidão de pessoas – ou seja, meus pais, diversos parentes, pessoas que visitavam minha casa, escritores diversos, uma certa cozinheira que me levou à escola durante um ano, uma porção de professores (os quais devo comprimir juntos em minha memória, pois do contrário um cairia fora aqui e ali – mas seja como for, uma vez que os comprimi dessa maneira, a massa toda fragmenta-se pedaço a pedaço de qualquer jeito), um inspetor escolar, circunstâncias que passavam lentamente; em suma, esta censura se revira na sociedade como um punhal [...]<sup>12</sup>.

Sua experiência profissional bem como sua própria formação acadêmica, induzem Kafka a ser um crítico severo das instituições sociais de seu tempo. As atividades estatais como forma de regulamentação da sociedade são vistas como a expressão da mediocridade do homem e uma forma equivocada de se fazer justiça.

Na obra “O processo”, a narrativa feita em torno do personagem K., indica que o homem está inserido em uma realidade perversa, criada por normas confusas e autoritárias tornando imperiosa a justificação do não conhecido e até mesmo de alegações fantasiosas e absurdas. Essa crítica, além de ser atual, alerta contra toda e qualquer forma de totalitarismo travestido de ordem democrática e segurança jurídica. Muitas são as situações em que as pessoas são colocadas na condição de Joseph K.

<sup>11</sup> KAFKA, Franz, *Letters to Felice*, org. Erich Heller e Jürgen Born, tradução inglesa de James Stern e Elisabeth Duckworth (Nova York, Schocken Books, 1973), p.286-287, apud BEGLEY, Louis. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça Franz Kafka um ensaio biográfico*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 30-31.

<sup>12</sup> KAFKA, Franz, *Diaries, 1910-1923*, org. Max Brod, tradução inglesa de Joseph Kresh e Martin Greenberg (Nova York, Schocken Books, 1975), p. 15 apud BEGLEY, Louis. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça Franz Kafka um ensaio biográfico*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 33.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 77-86
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------

Seu contexto permite enxergar o homem como produto de uma burocracia sufocante cuja defesa mostra-se inútil.

Durante toda a trama, seu personagem, mesmo não tendo cometido qualquer delito, busca incessantemente entender o que não pode ser entendido. Mesmo assim, sente-se culpado e indefeso, sendo que a ele não é permitido conhecer em detalhes os motivos de sua acusação.

Apesar de serem tolhidas suas garantias de conhecer os reais motivos de seu processo, cabe salientar que o sentimento de culpa que paira sobre seu discernimento, mostra-se alheio a condução criminoso de seu caso judicial. A culpa pode ser entendida como reflexo de sua criação opressiva, onde pequenos deslizes ganhavam a dimensão de ilícitos graves<sup>13</sup>.

Alguns intérpretes assim comentam:

Esse sentimento kafkiano de culpabilidade se projeta sobre a personalidade de Josef K. Sua culpa “independe do tribunal, que se subtraía a ele; independente da acusação que K. jamais chegou a conhecer”.<sup>14</sup> Quando, por exemplo, o pintor Titorelli pergunta a K. se este é inocente, K. responde: “*Sou completamente inocente*”, ao que Titorelli replica: “*Se o senhor é inocente, então o caso é muito simples.*” K. retruca: “*Minha inocência não simplifica o caso. [...] Depende de muitas coisas sutis, nas quais o tribunal se perde. Mas no final emerge, de alguma parte onde originariamente não existia nada, uma grande culpa*” [p. 180]. Confrontemos tal afirmação com a seguinte observação de CANETTI: “*Não existe nenhum tribunal exterior, cuja autoridade Kafka reconheça. Ele é seu próprio tribunal inteiramente, e este sempre estará em sessão*”<sup>15 16</sup>.

Esse julgamento faz o escritor colocar-se intermitentemente diante si como um réu prestes a ser executado pelas culpa que o aflige mesmo não sabendo exatamente de onde ela parta. E o que Kafka busca de forma incessante é atribuir um juízo de valor acerca de seu comportamento com o objetivo de minimizar seu complexo existencial que, diante de seus próprios olhos, parece ser incontornável e impossível de ser alcançado. Seu personagem K. em “O Processo” debatia-se, da mesma forma e com igual intensidade, procurando constantemente razões que motivassem justificadamente sua lide. Em vão. O mesmo foi julgado, condenado e morto sem saber por que.

<sup>13</sup> Referência feita em consonância com a severidade do tratamento impingido por seu pai.

<sup>14</sup> CANETTI, Elias. *O Outro Processo: as Cartas de Kafka a Felice*. Trad. de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p.78, apud NETO, Agostinho Ramalho Marques. O Processo Kafkiano. In: COUTINHO, Jacinto Nelson de Miranda (Coord.). *Direito e Psicanálise – interseções a partir de “O Processo de Kafka”*, 2a Tiragem, Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, p. 126.

<sup>15</sup> CANETTI, Elias. *O Outro Processo: as Cartas de Kafka a Felice*. Trad. de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p.76, apud NETO, Agostinho Ramalho Marques. O Processo Kafkiano. In: COUTINHO, Jacinto Nelson de Miranda (Coord.). *Direito e Psicanálise – interseções a partir de “O Processo de Kafka”*, 2a Tiragem, Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, p. 127.

<sup>16</sup> NETO, Agostinho Ramalho Marques. O Processo Kafkiano. In: COUTINHO, Jacinto Nelson de Miranda (Coord.). *Direito e Psicanálise – interseções a partir de “O Processo de Kafka”*, 2a Tiragem, Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, p. 126-127.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 77-86
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------



Apesar da certeza quanto sua culpabilidade interna, colocada sempre diante de seu próprio tribunal da razão, é certo também que Kafka descreve um lado altamente sombrio da realidade que cerca seus iguais, pois assim como K., muitos padeceram sem ter acesso à defesa e as razões de seus crimes que sequer existiam, como segue:

A obra de Kafka representa um prenúncio de males por vir. O mais terrível foi o Holocausto, que se apropriou de forma obsessiva da racionalidade burocrática. O escritor morreu antes do início da guerra. Mas suas três irmãs foram vítimas do terror nazista. A sua irmã favorita, Ottilia, divorciou-se do marido ariano para lhe salvar a vida. Declarou-se judia perante as autoridades nazistas e foi enviada para Theresienstadt, onde se ofereceu para acompanhar 1.260 crianças do campo, no dia 5 de outubro de 1943, em um “transporte especial”. O destino era o campo de Auschwitz<sup>17</sup>.

Logicamente que não seria possível aqui estabelecer um parâmetro geral da obra de Kafka em sua integralidade, mesmo porque qualquer pretensão de esgotá-la seria algo por demais ingênuo e absolutamente insustentável. O interessante é traçar objetivos determinados e, a partir daí, situar sua linha de argumentação ficcional frente às possibilidades reais que não apenas circundam os homens, mas que adentram vertiginosamente suas vidas.

A dor e o sofrimento do mundo não podem, como queria Kafka, serem vistos sem o estranhamento necessário que motive o homem a enxergar com sabedoria e clareza a realidade que a muito foi despedaçada e que das cinzas precisa renascer, a fim de permitir um constante aperfeiçoamento. Lições sempre podem ser tiradas.

Kafka, no fundo, deixa uma prodigiosa mensagem, mesmo que de forma implícita: alertar para as diferenças em favor da tolerância, pelo respeito e pela dignidade, pela justiça e pela virtude. Suas ideias contrapostas que se debatem indefinidamente não causam apenas espanto, mas também lucidez. O absurdo também é louvável quando tira da inércia mentes acomodadas e arruinadas pela ignorância.

O choque existencial coloca o ser humano em estado de atenção. A partir daí avalia-se a possibilidade de continuar em frente ou desconstruir para iniciar tudo novamente. Como Kafka objetiva várias interpretações acerca de seu pensamento, nada mais sensato que projetá-lo ao finito da realidade falida.

Ao infinito, resta a esperança como o maior dos bens e, nesse sentido, Kafka pode ser considerado pobre, pois nunca teve esperança.

<sup>17</sup> REGO, Arménio; CUNHA, Miguel Pina e; WOOD JR. Thomaz. *Kafka e o Estranho Mundo da Burocracia*. São Paulo: Editora Atlas, 2010, p. 6.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 77-86
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------

**Referências:**

ANDERS, Günthers: *Kafka: pró & contra*. 2. Ed. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BEGLEY, Louis. *O mundo prodigioso que tenho na cabeça Franz Kafka um ensaio biográfico*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COUTINHO, Jacinto Nelson de Miranda (Coord.). *Direito e Psicanálise – interseções a partir de “O Processo de Kafka”*, 2a Tiragem, Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

REGO, Arménio; CUNHA, Miguel Pina e; WOOD JR. Thomaz. *Kafka e o Estranho Mundo da Burocracia*. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e Kafka paradoxos do singular*. Passo Fundo: Editora IFIBE, 2010.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 77-86
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------